

# APRESENTAÇÃO PRESENTATION

**A lógica da arte não se resolve com a lógica analítica formal que, durante séculos, tem tratado de domesticar e circunscrever o pensável. Não se estuda lógica na escola brasileira como um problema, mas se é obrigado a decorar categorias da análise sintática – sujeito, predicado, oração adversativa, coordenada etc. – como se com elas se resolvesse o que se passa na linguagem. Aprende-se aí o correto e o errado, sabe-se que não se pode fazer uma oração sem verbo e que no fim dela se tem de colocar um ponto. Escrever uma só palavra é errado. Todavia...**

A linguagem, ao se gramatizar, analisar, dividir, classificar, organizar a fala e a escrita, reflete a “quadratura” do pensar, mas acaba repassando essa analítica novamente ao pensamento. Daí o pensamento não pensa, apenas repete as mesmas estruturas, o já dito. As crianças são domesticadas na escola tendo de decorar normas do certo x errado e fazer análise sintática. Decorar tabuada é domesticar a mente para supor que tudo se resolve com  $X = Y$ ,  $2 \times 2 = 4$ , como se  $X$  fosse igual a  $Y$  e que a redução do real ao quantitativo fosse apreendê-lo

Se, para ser aprovado, é preciso cumprir as regras, acaba-se achando que redigir corretamente é escrever bem. A universidade não admite que se faça ciência com o linguajar da rua e sem as normas da BNT. E sem o nível A do Qualis...

Confunde-se o correto segundo parâmetros com o verdadeiro, acha-se que a quantidade exprime a qualidade, que o formalismo do fictício conselho editorial garante a verdade dos conteúdos. Os pareceristas aproveitam seu anonimato para não aprovarem o que vai além de seus limitados horizontes, finge-se que o duplo cego seja um modo imparcial de ver e não uma dupla cegueira. É como se houvesse uma hierarquia de anjos, arcanjos, querubins e serafins, a entoar cânticos de louvor à ciência e impor a vontade de um anônimo Senhor. Não é assim que se pensa, que se avança o filosofar, que se produz ciência, se cria grande arte ou alta arquitetura.

Quem não está no parâmetro da domesticação imposto pelo *stablishment* fica fora das vagas docentes, das bolsas de pesquisa, dos convites a congressos. Isso não é novo na história do pensamento. Spinoza foi expulso da comunidade judaica, Marx foi expulso da Alemanha, Nietzsche não tinha acesso a nenhuma universidade alemã e foi recusado no departamento de filosofia da universidade suíça em que dava aulas de filologia. Os melhores professores brasileiros foram expulsos da universidade.

Acha-se que se define qualidade por quantidade, sem entender a lógica subjacente de  $2 + 2 = 4$ ,  $X = Y$ . Nem os professores nem os alunos estudaram obras básicas como a *Física* de Aristóteles, a *Fenomenologia do Espírito* e a *Ciência da Lógica* de Hegel, *Ser e tempo* ou a *Origem da obra de arte* de Heidegger. Aham que sabem tudo, e não sabem o primário. Não aprenderam a pensar, porque não tiveram professores que pensassem. À tendência secular de pensar domesticado, a ditadura deu um reforço ao eliminar quem pensava. A universidade tratou de excluir a divergência pensante. Acha que o seu deserto é paz.

Na arquitetura, celebram-se as figuras geométricas ditas puras – o triângulo, o círculo, o retângulo – e se acha que se está fazendo arte quando se fazem variações em torno delas. Ao construir templos na arquitetura simbólica do renascimento, o triângulo pretende representar a Santíssima Trindade, sem se perguntar se ela existe, se é lógico  $1 = 3$  e  $3 = 1$ . Isso é dogma, um mistério, não se questiona. Caso se pergunte como Descartes tratou de explicar isso, dificilmente alguém terá estudado o texto em questão (“Paixões da alma”).

O círculo pretende representar a perfeição divina, pois todos os pontos da periferia estão à mesma distância do centro. Isso serve de modelo para o comportamento humano: agir sempre do mesmo modo, de acordo com o ditado por um suposto centro. Os negacionistas agem assim: mentem sempre, conforme as circunstâncias. Ora, nem sempre se deve agir

do mesmo modo: a resposta moral não é oportunista, submissa ao poder das circunstâncias.

Além de não se questionar se Deus existe ou não, acha-se que a rigidez é correta por si, excluindo-se a negociação. Achar que o universo tem o formato de uma parábola pode levar a construir o ICC da UnB, o Minhocão, no formato de um fragmento de parábola, como se o prédio fosse uma miniatura do universo. Significa que estendendo no tempo o que se propõe nesse espaço vai se acabar no mesmo lugar. Não se conhecem as bordas dos espaços infinitos: toda figura geométrica é finita, delimitada. Não há um todo que se fecha sobre si como quer a noção de “UNiverso”, um todo fechado em si mesmo: o telescópio James Webb colocou um ultimato a essa concepção, sabe-se que não sabemos os limites e nem tudo é “cosmos”.

Como os templos são em geral os prédios mais bonitos na cidade, induzem à crença de que representam “verdades”, ou seja, dogmas da religião. Postos no centro da *urbs*, fazem todos girarem ao seu redor, como se fossem centro de tudo, a irradiar valores mais altos. Se tudo é feito por Deus, se Deus é perfeito como o círculo, é preciso aceitar o *status* quo como expressão da vontade divina, legitimando os privilégios da classe dominante. Como há muita miséria, prepotência e coisa errada mundo afora, fica difícil ver na realidade um mundo perfeito. O *status* quo era visto como expressão da vontade divina. Leibniz inventou a tese de que vivemos no melhor dos mundos possíveis, aquele que tem um mínimo de defeitos para colocar à prova o homem, dando-lhe chance de provar que merece o céu. Voltaire ironizou isso com uma heroína que sofre muitos percalços, mas sobrevive porque estamos no melhor dos mundos possíveis. Com a morte de Deus, esse problema foi varrido das salas e dos salões, não há mais um deus único que se queira responsabilizar por tudo o que existe. Não havendo medida de perfeição, então se aceita como está tudo o que aí está.

Quem se atreva a duvidar das verdades da fé não é bem-vindo às altas hierarquias do Qualis. Não merece se acercar do trono e beijar mãos reais. Será

visto como um cão furioso sem uma corrente que o contenha. Se ousar supor que pareceristas e editores estão contidos por invisível corrente, que os impede de irromper em espaços predefinidos, aí mesmo é que não terá chance para bolsa, publicação, posto, patrono.

O espírito da competitividade é caminho para o individualismo, para o fim da cooperação, algo diferente do corporativismo vigente, em que impera o “eterno retorno do mesmo”. O “império do produtivismo” alicerça-se no trabalho invisível, virtual, numa espécie de doação às vezes voluntária, às vezes obrigatória, para os bancos de memória, para os bancos de dados. No caso específico do ensino, nos currículos e informações ali depositadas.

É no curriculum lattes onde se faz a diferenciação produtivista, onde impera o controle, onde o corpo docente se desajusta, se decompõe. *Lattes* não corresponde só ao sobrenome do nosso ilustre e desconhecido pesquisador, o físico Cesar Lattes, mas ironicamente podemos associá-la também a *Letes*, que na mitologia correspondia a uma fonte cujas águas provocavam o esquecimento. É preciso não só um princípio de resistência, um discurso declaratório, mas uma resiliência em âmbitos nevrálgicos. Diante da tormenta que ronda a ética acadêmica, algumas áreas deveriam colocar-se como força de resistência. Não cabe aí usar o inocente termo “disciplina”, pois nela se propõe disciplinar o pensar. O pensar disciplinado não pensa: apenas marcha. A liberdade de dizer em espaço público pouco tem ocorrido no lugar privilegiado de ciências do homem como arquitetura, artes, crítica, direito e filosofia. A cada dia mais tudo se silencia pela fala reiterada, se abafa pela comunicação comum da internet.

Enunciados constatativos e discursos de transmitir informação, de um saber sem compromisso, que muitos ainda defendem na universidade, não dependem do professor no sentido estrito do compromisso de fé atinente à sua nomeação. Talvez dependam, sim, de um ofício, de uma competência, de uma habilidade, de um saber cada vez mais e mais específico, de uma *techne*, fazer técnico, não profissão de

professor. Professar significa empenhar-se assumir um compromisso. É mister do professor professar e profetizar; capacidade de antever o mundo, preparar o amanhã.

A universidade está repleta de arrogância, e agora ainda mais na medida em que os “professores” são portadores de títulos honoráveis. Não é, porém, a arrogância intelectual que garante rigor científico. Arrogância é sinal de ignorância: competência exige imaginar e antever o que não se está a ver, não sustenta a arrogância.

A arrogância frequente entre professores quer se fundar no rigor científico de quem acha que sabe tudo sobre quase nada, sem ver que é preciso saber algo sobre o todo para captar o que envolve e permeia a especialização. A quantidade é apenas um vetor da realidade, não seu todo. É problemático assentar-se numa lógica que repousa e dormita no número, na certeza da calculabilidade de tudo. Basta aparecer um fator não previsto, e lá se vão todas as certezas. A qualidade não é apenas um gosto subjetivo. É preciso despir a arrogância e admitir a força da fragilidade do “talvez”, típico das ciências humanas e dos não-saberes.

A miséria da educação, da “cientificidade”, não aparece onde ela é pior. Sua miséria se revela justamente onde ela crê ser excelente, onde exerce e se classifica como instituição de excelência, onde ela é mais quantificável positivamente, onde ela é mais cega, onde ela possui o maior número de dados positivos, onde ela exerce o controle com maior eficiência sobre seus próprios corpos. Onde ela é mais produtiva. E essa produtividade se supõe quantificável pelo índice de publicações de seu corpo docente, pelo desempenho de seus alunos nos provões, no número de pesquisas em desenvolvimento, no retorno de mídia dessas pesquisas, no número de publicações qualificadas, na importância das publicações no exterior, ainda que não sirvam para nada, ainda mesmo que professores publiquem os mesmos artigos com pequenas modificações, com títulos diferentes, em diferentes periódicos.

Tudo o que interessa são números, pontos para obter classificação. Até as vagas docentes são “alocadas/aloucadas” por fórmulas numéricas de produtividade. Na lógica do Qualis, uma publicação qualquer vale 1 como valeria 1 um ensaio como *A origem das Espécies*, *O capital*, *A teoria da relatividade*, *Ser e tempo*. Em função dessa lógica ilógica se distribuem verbas, cargos, bolsas. Isso não é sério. O Brasil não é sério. Essa lógica numeral não sabe sequer o que é qualidade, mas pretende ditar a excelência ou carência de linhas de pesquisas, de laboratórios, equipamentos, da quantidade de computadores que os órgãos de fomento fornecem para os pesquisadores.

Deve-se chamar, ironicamente, de excelência, na justiça da vida e do ensino, também o que foi destruído pela competitividade e elitização do saber. Deve-se chamar de excelência aqueles lugares onde os pesquisadores mais conceituados, pontuados, “empanturram-se” de equipamentos de informática enquanto os pesquisadores mais novos mal conseguem obter algum recurso. Chama-se excelência o sistema fechado e de favorecimento das comissões desses órgãos de fomento que acabam se autoprivilegiando, malgrado os esforços que essas instituições idôneas fazem para serem transparentes, justas e éticas.

Essa arrogância ignorante não consegue entender que aquilo que realmente é inovador na ciência, na teoria, na filosofia, demora anos, gerações inteiras, para ser percebido em sua relevância. Acha que a repercussão imediata, no tambor vazio dos lugares-comuns do *stablishment*, é sinal da relevância do proposto. Não se está, a rigor, com tantos doutores por toda a parte, muito melhor do que se estava quando não havia doutores e a universidade era ocupada por docentes catados a laço pela oligarquia local. A estrutura é a mesma, mas não percebe isso, pois se esconde atrás dos esquemas falsos e precários das pontuações impostas.

Nesse esquema estabelecido, excelência é sinônimo de eficiência, “efi-ciência”, ciência que pareça eficaz: eficiência em ser máquina domesticante na fabricação de conhecimentos e de técnicos a serviço

das burocracias sociais. O grau de dragonas que um oficial tenha na farda indica o seu poder de mando, não a competência dele em campo de batalha nem do caráter de quem a veste. Em última instância, o que mais importa é o caráter. Caráter não é oportunismo. Quem vai criar algo diferente, novo, está primeiro fora dos esquadros do seu meio, depois fora do reconhecimento público.

Grupos de opinião não aceitam que se questione o que sequer consideram como expressão do pio, honesto, decoroso, pois acham que seja “pura verdade” aquilo em que acreditam (só porque acreditam). A obra é aí reforço a um sentimento anterior e externo à obra. O mesmo vale para a “arte engajada” e para a “arte conceitual”: uma quer promover determinada concepção do que considera justo e correto, a outra quer demonstrar um conceito, ambas ficam fora do que deve ser o principal na arte, sua validação estética e ética.

Um poeta, um romancista, um concertista, um artista ou até um filósofo pode ser alardeado porque é conveniente a uma tendência política, a um determinado povo ou igreja ou religião com que ele é conivente, partícipe. Mesmo os critérios de qualificação podem ser manipulados e doutrinados. As bases de qualificação da arte e da filosofia podem ser questionadas e desmoronar.

Se um poeta é valorizado por ser hermético, exatamente isso poderia ser usado contra o seu texto, porque não consegue dizer com clareza a que vem. Quando a “poesia” é posta no cânone, é imposta nas escolas, nos livros didáticos, nas academias, ela se torna “retórica”, discurso de persuasão.

O caráter hermético esconde uma intenção que não é explicitada e não é debatida. Pretende ser entendidos por poucos, ou seja, só pelos eleitos. Ele é esotérico, não um modo de sugerir o máximo num espaço mínimo. O esotérico tem a pretensão de ser superior.

Benjamin registrou que Brecht tinha o boneco de um burrico no seu escritório, com uma placa dizendo: “Também eu preciso entender”. Ele não estava

menosprezando o “povo simples”, mas queria que ele se tornasse mais consciente. O poeta procurou produzir textos simples, claros, que poderiam ser entendidos pelos operários. Essa simplicidade é muito refinada. Ela não esconde seus secretos propósitos como o texto que diz ser hermético para ser apenas para iniciados, eleitos. Refletindo as inflexões da política mundial, estamos vivendo grandes mudanças nos modos de pensar e avaliar, mudam os polos de referência. Durante dezenas de anos, por exemplo, a propaganda sionista conseguiu ter êxito, até que se evidenciou que ela servia ao belicismo, à segregação racial, ao genocídio.

Quando nas universidades se fazem pesquisas, teses e artigos, além de dar aulas sobre certos autores, gera-se uma expectativa no sentido de valorizá-los. Tem-se então um rol de obras que devem ser lidas de acordo com o padrão imposto pela exegese canonizante. Há um perfil do que deve ser lido e como deve ser lido. Há uma interiorização da palavra do poder não só pela leitura obrigatória, mas pelo endosso forçado. O autor é usado para repassar valores. O modo como obras são lidas e avaliadas varia, porém, conforme épocas e meios.

Embora esse estudo monte andaimes para escalar obras e ver como estão construídas, ele não prescinde de um mergulho na constituição interna, peculiar, da obra mais complexa, de maneira que se possa ingressar nela e alcançar sua vibração interior e sua amplitude de horizonte. A grande obra de arte é insubstituível, há um momento em que ela não se compara a nenhuma outra, pois é distinta de todas: esse é o peculiar do que ela tem a dizer. Ela não pode ser substituída por um conjunto de juízos analíticos ou pela síntese de uma mensagem final que tudo esclareça. Ela não é  $1 = 1$ . Ela é  $1 < 1X$ .

Como se dá, no entanto, essa conexão entre o ente considerado simples, como a pedra ou a página em branco, e esse outro ente, permeado e carregado de entidades que não havia antes aí? Como é que um ente pode ser outro ente? Ou essa pergunta está mal formulada? Um ente não é outro ente, ele é o que ele é e está aí. O outro ente que surge, a estátua ou a

página escrita, abriga sentidos diversos, conjuga um ente a outro ente e mais outro e outro. De que modo ele é outros, não como mero símbolo ou alegoria?

As categorias retóricas estão marcadas pela metafísica a ser superada. Quando se tenta entender a relação entre o mármore e a estátua, é fácil recair no esquema de corpo e alma, da matéria bruta e da forma espiritualizada. Ele parece que explica, mas não resolve nada, pois abriga problemas não resolvidos. Aristóteles registrava que não há forma sem matéria nem matéria sem forma. A pedra bruta já tem algum formato; a estátua continua sendo feita de mármore. Mesmo na tela do PC, uma forma tem certa materialidade, da tela e dos fótons que nela se alinham.

O artista parece aí um “criador”, como um pequeno Deus, a gerar obras a partir do nada. Ora, não é bem assim. Nenhuma obra surge do nada, mas é gestada a partir de diversas obras por semelhança e dessemelhança, testemunhando e expressando sua época e olvidando outras questões. É possível entender melhor uma obra a partir da comparação com obras pertencentes à mesma série. Em suma, a questão tem sentido prático, didático.

Como o background do público ocidental é cristão, torna-se tranquilo para os dois lados restabelecer o pacto de sua crença, de sua visão de mundo. Difícil é pensar o que não está pensado: como se dá essa conjunção de um ente a outros entes, esse afloramento do Seyn em um ente determinado. A metáfora remete de um ente a outro; o símbolo encena algo maior que o ente que está aí; o emblema representa de algo concreto um significado amplo e determinado; o *oxímoron* reúne opostos numa assertiva única; a metonímia resvala de um ente para outros entes próximos, unindo-os em nova significação; a hipérbole parece um exagero, mas mostra algo mais amplo no ente do qual ela fala; a antropomorfização faz de uma coisa ou de animal um ente que fala e pensa e age como se humano fosse; a parábola aparenta falar de uma situação e acaba se referindo a algo mais amplo e que é seu sentido.

Como se vê, a poesia tem, mais que as demais artes,

uma longa tradição de buscar mediante poéticas uma lógica diferente da lógica de  $A = A$ ,  $B = B$ ,  $1 = 1$ . Ela diz que A pode ser B ou C, 1 não é igual a 1, e  $2 + 2$  não é  $= 4$ . A obra pensa um passo adiante, muitas vezes no além do que o autor consegue definir. Só que não se conseguiu desenvolver um pensamento teórico que vá dois passos adiante. A lógica da arte não é a velha lógica analítica. Também não se resolve pela união de um par de contrários, como proporia a dialética. Antes ficar, porém, ciente do não resolvido, do que continua sendo insolúvel mediante as lógicas disponíveis do que ficar fingindo que se resolveu algo com o que apenas reaquece antigos esquemas.

Brasília, junho de 2025

Aline Zim  
Carolina Borges  
Fernando Fuão  
Flávio R. Kothe